



ENCICLOPÉDIA

# NEGRA

FLÁVIO DOS SANTOS GOMES  
JAIME LAURIANO  
LILIA MORITZ SCHWARCZ



Em 1751, Diderot e D'Alembert lançavam sua célebre *Enciclopédia*. O termo vinha do mundo antigo, mas foi o Iluminismo que estabeleceu a forma e o conceito dessas obras tal como as conhecemos hoje. Nascidas no bojo da modernidade, as enciclopédias são monumentos que celebram a fé na razão e no conhecimento como elementos fundamentais na constituição de uma sociedade mais justa e democrática.

A *Enciclopédia negra* remete a essa tradição humanista, ao mesmo tempo que a atualiza criticamente, ao encenar um reencontro do Brasil com a memória silenciada de milhões de pessoas negras que construíram sua história. Flávio dos Santos Gomes, Lilia Moritz Schwarcz e Jaime Lauriano passam em revista o período da escravidão e do pós-abolição a fim de restabelecer o protagonismo negro na experiência nacional. Para isso, conjuram toda a concretude e complexidade própria do humano: os biografados são sempre chamados pelo nome e se possível pelo sobrenome, são retratados com base em seus feitos e afetos, são divisados em seus sonhos e desejos, enfim, são imbuídos do que há de singular, multifacetado e profundo em cada existência particular.

Em 416 verbetes, os autores revisitam a vida de mais de 550 pessoas negras, de sexo, gênero e orientação sexual distintos, das mais variadas profissões, de diferentes faixas etárias, de todas as regiões do país, e de diversos credos e posições hierárquicas no conjunto das relações de poder econômico, social e político em que estiveram inseridas. São profissionais liberais; mães que lutaram pela alforria de suas famílias; ativistas e revolucionários; curandeiros e médicos; líderes religiosos que reinventaram outras Áfricas no Brasil.

As feições de muitos desses personagens foram apagadas da história. Por isso, 36 artistas negros, negras e negres criaram retratos inspirados nos verbetes desta enciclopédia, aqui reunidos em um belíssimo caderno de imagens.

Num momento de grande produção e disseminação de informações deturpadas, incorretas e até falsas, esta obra contribui para conformar um seguro repositório de experiências individuais e coletivas ao qual — como pessoas e como sociedade — podemos recorrer em busca de inspiração, orientação e sonho de futuro.



ENCICLOPÉDIA

# NEGRA

*Flávio dos Santos Gomes*

*Jaime Lauriano*

*Lilia Moritz Schwarcz*

# RA

**BIOGRAFIAS  
AFRO-BRASILEIRAS**

Copyright © 2021 by Flávio dos Santos Gomes,  
Jaime Lauriano e Lília Moritz Schwarcz

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua  
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e identidade visual do  
projeto *Enciclopédia Negra*  
Oga Mendonça

Imagem de capa  
Mônica Ventura

Imagem de quarta capa  
Antonio Obá

Projeto gráfico  
Victor Burton

Preparação  
Adriane Piscitelli  
Alexandre Boide

Checagem  
Érico Melo

Assistente de pesquisa  
Sonia Balady

Índice remissivo  
Luciano Marchiori

Revisão  
Jane Pessoa  
Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gomes, Flávio dos Santos  
Enciclopédia negra / Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano  
e Lília Moritz Schwarcz. – 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras, 2021.

Bibliografia.  
ISBN 978-85-359-3400-7

1. Negros - Brasil - Biografia I. Lauriano, Jaime. II. Schwarcz, Lília Moritz. III. Título.  
20-52752 CDD-920.009296081

Índice para catálogo sistemático:  
1. Brasil: Negros: Biografias 920.009296081  
Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

APOIO:

PARCERIA:

COLABORAÇÃO:

IBIRAPITANGA

PINACOTECA  
DE SÃO PAULO



[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 – São Paulo – SP  
Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br  
www.blogdacompanhia.com.br  
facebook.com/companhiadasletras  
instagram.com/companhiadasletras  
twitter.com/cialetras

## AS IMAGENS DA CAPA E DA QUARTA CAPA

A capa e a quarta capa desta *Enciclopédia negra* trazem dois personagens — Afra Joaquina Vieira Muniz e Chico Rei — num elenco de mais de 550 biografias. Também selecionam uma mulher e um homem; ela que viveu na Bahia e ele, em Minas Gerais. Afra no século XIX, Chico Rei no XVIII. Da existência dela, temos comprovação por um processo em que tomou parte; quanto a ele, não sabemos os limites entre a história e a lenda; lenda que vira história. Por outro lado, aqui estão as obras de dois pintores, Mônica Ventura e Antonio Obá, num time de mais de sessenta artistas.

Afra Joaquina vivia em Salvador e era casada com seu ex-senhor, Sabino Francisco Muniz, de origem africana como ela, que, uma vez liberto, pagou pela liberdade da esposa ao mesmo tempo que se tornou proprietário de escravos. Sabino morreu entre 1870 e 1872, deixando todos os seus bens para a mulher e a liberdade para duas escravizadas, Severina e Maria do Carmo, contanto que permanecessem ao lado de Afra até a morte desta. As relações de Afra com essas cativas não foram, porém, amistosas, tendo levado até a um processo cível. O exemplo de Afra mostra como era complexo o mundo que a escravidão concebeu.

A Afra criada por Mônica Ventura está desprovida de qualquer conflito. Bonita, forte, ela olha resoluta para a frente e se destaca do fundo azul profundo



selecionado pela artista. Com um turbante de nação, brinco e broche de ouro, revela a riqueza e o patrimônio que acumulou. Sua roupa não permite que se lhe adivinhem as linhas do corpo, numa representação que se afasta daquela feita por viajantes estrangeiros, os quais em geral destacavam a sensualidade das escravizadas, sempre expostas com o colo nu. Essa é uma Afra digna, ativa, dona de seu destino, como outras tantas escravizadas e libertas, que legaram seus exemplos.

Chico Rei viveu na região das Minas Gerais, em tempos de muita mineração e trabalho escravo, mas também de ameaças de insurreições e muita boataria. Chico Rei, que fez história e virou lenda, era um africano da família real do reino do Congo. Com a esposa, filhos e poucos súditos, fora embarcado como escravizado para o Brasil. Conta-se que, durante a viagem, sua esposa e alguns filhos teriam morrido. Não se sabe a que porto chegou, contudo é certo que foi parar nas minas de Ouro Preto. Foi batizado com o nome de Francisco e escravizado juntamente com um dos seus filhos. Passados alguns anos e depois de muito trabalho, Chico Rei, já reconhecido pelos demais africanos por sua distinção, não só conseguiu pagar por sua própria liberdade, como comprou a alforria de vários escravizados africanos, quicá malungos (colegas de navio negreiro) e outros do reino do Congo.

Antonio Obá traz um Chico Rei mais velho, com cabelos brancos, olhar penetrante e roupas que remetem a sua origem real e africana. Usa também colares de contas que vinculam à religiosidade afro-brasileira. Igualmente ativo, no seu olhar cândido transparece bondade. Transparece ainda riqueza combinada a solidariedade, rara no ambiente da mineração. O fundo verde-oliva dialoga com o que parece ser uma coroa e uma estrela de ouro. Chico Rei sorri.

Foram muitas as Afras e tantos os Chicos Reis invisíveis durante muito tempo por uma historiografia colonial e de heróis exclusivamente brancos. Hoje eles vão voltando para mudar nossa imaginação e a maneira como pensamos nosso passado, nosso presente e sonho de futuro.

## SUMÁRIO

Introdução **9**

ENCICLOPÉDIA NEGRA **21**

Referências bibliográficas **581**

Índice de verbetes **626**

Índice remissivo **632**

Créditos das imagens **686**

Artistas participantes **687**

## INTRODUÇÃO

Flávio Gomes, Jaime Lauriano,  
Lilia Moritz Schwarcz

Senhores

*O sangue dos meus avós*

*Que corre nas minhas veias*

*São gritos de rebeldia*

— Carlos de Assumpção,

NÃO PARAREI DE GRITAR

Um grande e constrangedor silêncio habita a maior parte dos arquivos brasileiros e coloniais, e, sobretudo, dos

nossos manuais e livros didáticos.

Neles, enquanto os registros de atos empreendidos pela população branca estão por toda parte, as referências acerca da imensa população escravizada negra que viveu no país, desde meados do século XVI até praticamente o fim do século XIX, são bem escassas. Ainda são muito pouco mencionados os negros e as negras que conheceram o período do pós-abolição; aquele que se seguiu à Lei Áurea, de 13 de maio de 1888, a qual, longe de ter sido um ato isolado e “redentor”, fez parte de um processo coletivo de luta incessante pela liberdade, protagonizado por negros, libertos e seus descendentes. Por fim, se hoje as fontes documentais se multiplicaram, fora da bibliografia especializada são raros os registros das atuações desses grupos, e também do racismo e da violência cotidianos, com seus personagens sendo condenados, ao menos numa história mais oficial, a uma dupla morte: a física e a da memória.

Esta *Enciclopédia negra* pretende ampliar a visibilidade das biografias de mais de 550 personalidades negras, em 417 verbetes individuais e coletivos, apoiando-se na vasta produção historiográfica, antropológica, literária, arqueológica e sociológica que se debruçou sobre a escravidão e sobre o pós-abolição. Utilizamos também fontes primárias e secundárias, matérias de jornais e obras que trataram desses personagens, direta ou indiretamente. Muitas dessas trajetórias foram



Xangô (Vicente Lima), 531  
 xangôs (religião afro-brasileira), 197  
 Xauter, O (jornal), 155  
 Xavier, Arnaldo, 310  
 Xavier, Domingos Inácio, 61  
 Xavier, Francisca, 419  
 Xavier, Francisco (filho de Francisca Poderosa), 214  
 Xavier, Giovana, 13, 90, 118, 415  
 Xavier, Manuel Francisco, 378, 418  
 Xavier, Rodolfo, 61, 380, 553  
 xenofobia, 108, 344  
 Xica da Silva (telenovela), 577  
 "Xote de Copacabana" (canção), 279

Ypiranga (time de futebol), 445

Zabumba Vitalino (banda), 439  
 Zacarias (Mauro Faccio Gonçalves), 451  
 Zacimba Gaba, 574  
 Zagallo (futebolista), 230  
 Zagalo, Luís, frei, 488  
 Zambi (guerreiro negro), 578  
 Zambi, Acaiuba, 25  
 Zamor, Emmanuel Hector, 184-5  
 Zamor, Pierre Emmanuel, 184  
 Zanferdini, Samuel, 528  
 Zangui, 24-5  
 Zanini, Walter, 436  
 Zanzibar, 354  
 Zé da Zilda, 62, 111  
 Zé Kéti (José Flores de Jesus), 575  
 Zeferina (africana angola), 575-6  
 Zerbini, Euríclides, 108  
 Zezinho (futebolista), 446  
 ZiCartola (botequim carioca), 112, 134, 269, 575  
 Zomadônu (vodum), 360, 454  
 Zózimo Bulbul (Jorge da Silva), 577-8  
 Zumbi, 24-5, 43, 147, 228, 308, 405, 466-7, 578-9  
 Zumbi (casa editorial), 136

## CRÉDITOS DAS IMAGENS

p. 186: Acervo Maria da Glória Foohs  
 p. 246: Acervo Museu do Estado de Pernambuco/ Fundarpe  
 p. 448: Fundação Joaquim Nabuco  
 p. 460: Lunara (Luiz do Nascimento Ramos)/ Acervo Instituto Moreira Salles

As obras da capa (*Dona Afra*, acrílica sobre tela de algodão com moldura de madeira, 80 cm × 50 cm × 0,3 cm), da quarta capa (*Chico Rey*, óleo e folha de ouro sobre tela, 70 cm × 55 cm) e do caderno de imagens fazem parte do acervo da Pinacoteca de São Paulo e foram fotografadas por Filipe Berndt, exceto as das páginas 2, 6, 10, 25 (abaixo) e 31, cujas reproduções são dos próprios artistas.

## ARTISTAS PARTICIPANTES

Amilton Santos (1977-), Santos, SP  
 Andressa Monique (1993-), Salvador, BA  
 Antonio Obá (1983-), Ceilândia, DF  
 Arjan Martins (1960-), Rio de Janeiro, RJ  
 Ayrson Heraclito (1968-), Macaúbas, BA  
 Bruno Baptistelli (1985-), São Paulo, SP  
 Castiel Vitorino (1996-), Vitória, ES  
 Dalton Paula (1982-), Brasília, DF  
 Daniel Lima (1973-), Natal, RN  
 Desali (1983-), Contagem, MG  
 Elian Almeida (1994-), Duque de Caxias, RJ  
 Hariel Revignet (1995-), Goiânia, GO  
 Heloisa Hariadne (1998-), São Paulo, SP  
 Igi Ayedun (1990-), São Paulo, SP  
 Jackeline Romio (1981-), São Paulo, SP  
 Jaime Lauriano (1985-), São Paulo, SP  
 Juliana dos Santos (1987-), São Paulo, SP  
 Kerolayne Kemblim (1995 [registro]; 1994 [suposta]), Manaus, AM  
 Kika Carvalho (1992-), Vitória, ES  
 Lidia Lisboa (1970-), Guaíra, PR  
 Marcelo D'Saete (1979-), São Paulo, SP  
 Mariana Rodrigues (1995-), Osasco, SP  
 Micaela Cyrino (1988-), São Paulo, SP  
 Michel CENA7 (1985-), São Paulo, SP  
 Moisés Patrício (1984-), São Paulo, SP  
 Mônica Ventura (1985-), São Paulo, SP  
 Mulambô (1995-), Saquarema, RJ  
 Nádia Taquary (1967-), Salvador, BA  
 Nathalia Ferreira (1994-), Jaboatão dos Guararapes, PE  
 Oga Mendonça (1979-), São Paulo, SP  
 Panmela Castro (1981-), Rio de Janeiro, RJ  
 Rebeca Carapiá (1988-), Salvador, BA  
 Renata Felinto (1978-), São Paulo, SP  
 Rodrigo Bueno (1967-), Campinas, SP  
 Sonia Gomes (1948-), Caetanópolis, MG  
 Tiago Sant'Ana (1990-), Santo Antônio de Jesus, BA

ESTA OBRA FOI COMPOSTA EM THEANTIQUA  
E BAU OFFC BOLD E IMPRESSA PELA  
GEOGRÁFICA EM OFSETE SOBRE PAPEL PÓLEN  
SOFT DA SUZANO S.A. PARA A EDITORA  
SCHWARCZ EM MARÇO DE 2021



A marca FSC® é a garantia de que a madeira  
utilizada na fabricação do papel deste livro  
provém de florestas que foram gerenciadas de  
maneira ambientalmente correta, socialmente  
justa e economicamente viável, além de outras  
fontes de origem controlada.



## ARTISTAS PARTICIPANTES

Amilton Santos  
Andressa Monique  
Antonio Obá  
Arjan Martins  
Ayrson Heraclito  
Bruno Baptistelli  
Castiel Vitorino  
Dalton Paula  
Daniel Lima  
Desali  
Elian Almeida  
Haniel Revignet  
Heloisa Hariadne  
Igi Ayedun  
Jackeline Romio  
Jaime Lauriano  
Juliana dos Santos  
Kerolayne Kemblim

Kika Carvalho  
Lidia Lisboa  
Marcelo D'Saleta  
Mariana Rodrigues  
Micaela Cyrino  
Michel CENA7  
Moisés Patrício  
Mônica Ventura  
Mulambô  
Nádia Taquary  
Nathalia Ferreira  
Oga Mendonça  
Panmela Castro  
Rebeca Carapiá  
Renata Felinto  
Rodrigo Bueno  
Sonia Gomes  
Tiago Sant'Ana

**FLÁVIO DOS SANTOS GOMES** é professor da UFRJ e também atua nos programas de pós-graduação em história (UFBA), história comparada e história social (UFRJ). É autor de, entre outros livros, *O alufá Rufino* (com João José Reis e Marcus Joaquim de Carvalho, 2010), *Mocambos e quilombos* (2015), e coorganizador de *Dicionário da escravidão e liberdade* (2018).

**JAIME LAURIANO** graduou-se pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo em 2010. Possui trabalhos nas coleções públicas da Pinacoteca do Estado de São Paulo e do Museu de Arte do Rio (MAR). Foi laureado com o prêmio Marcantonio Vilaça (2017), com o 1º prêmio CBBB Contemporâneo (2015), entre outros.

**LILIA MORITZ SCHWARCZ** é professora titular no Departamento de Antropologia da USP e Global Scholar e Visiting Professor, desde 2008, na Universidade Princeton. É autora de, entre outros livros, *O espetáculo das raças* (1993), *Brasil: uma biografia* (com Heloisa Murgel Starling, 2015) e *Lima Barreto: Triste visionário* (2017), e coorganizadora de *Dicionário da escravidão e liberdade* (2018).

De Abdias do Nascimento a Zeferina, os mais de 550 personagens retratados neste livro encenam um reencontro do Brasil consigo mesmo e com a memória silenciada de milhões de pessoas negras que construíram a história deste país.

APOIO

IBIRAPITANGA

PARCERIA

PINACOTECA  
DE SÃO PAULO

COLABORAÇÃO



ISBN 978-85-359-3400-7



LIVRARIA DA TRAVESSA

ENCICLOPEDIA NEGRA:  
BIOGRAFIAS

GOMES, FLAVIO; LAURIANO, JAIME  
COMPANHIA DAS LETRAS BR  
9788535934007

HISTÓRIA DO BRASIL

TRAVESSA

31,60€